

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

O ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA UTILIZANDO MODELOS DE
ENSINO A PARTIR DA PEDAGOGIA DO ESPORTE

GUSTAVO ROCHA LOPES DE SOUZA

Vitória
2025

GUSTAVO ROCHA LOPES DE SOUZA

**O ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA UTILIZANDO MODELOS DE
ENSINO A PARTIR DA PEDAGOGIA DO ESPORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação
Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito
Santo, como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

**Vitória
2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo apoio incondicional ao longo desta jornada acadêmica, e ao meu orientador, Professor Dr. Ubirajara de Oliveira, pela dedicação, paciência e valiosas orientações que contribuíram de forma decisiva para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a aplicação do modelo *Sport Education* no ensino do esporte, destacando suas potencialidades e desafios no contexto escolar. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e de um relato de experiência vivida na Universidade Federal do Espírito Santo, durante a disciplina de Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos. O estudo busca evidenciar como esse modelo pode favorecer a participação ativa dos alunos, a valorização do trabalho em equipe, a compreensão de aspectos culturais e sociais do esporte e o desenvolvimento do protagonismo dos estudantes. Também são discutidas as dificuldades encontradas na implementação do método, como a adaptação de alunos e professores, a disponibilidade de recursos e o tempo de aplicação. Ao final, a experiência relatada mostra que, apesar dos obstáculos, o *Sport Education* representa uma alternativa viável e motivadora para enriquecer as aulas de Educação Física, aproximando os estudantes de uma vivência esportiva mais significativa.

Palavras-chave: Educação Física; *Sport Education*; Pedagogia do Esporte; ensino do esporte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL.....	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3 METODOLOGIA.....	11
4 PEDAGOGIA DO ESPORTE.....	12
4.1 ENTENDENDO O SPORT EDUCATION	12
4.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO SPORT EDUCATION	14
4.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DO SPORT EDUCATION EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

A realização deste estudo encontra justificativa em função da importância do ensino do esporte, na escola, para as crianças e adolescentes, tendo em vista que ele é uma grande ferramenta de transformação social, e um excelente meio para se conhecer a si próprio e seu corpo, além de um ensejo para se observar a sociedade à volta e desenvolver altruísmo, cooperação e capacidade de reflexão. Isso tudo só é possível, a partir de um ensino crítico-reflexivo em que o aluno possa, por intermédio de seus próprios pensamentos - e dos colegas e professores - ser capaz de enxergar a importância dos aprendizados intrínsecos à aula e que servem para seu cotidiano, além da técnica específica de cada prática realizada.

Olhando para o cenário de algumas escolas, ainda é possível observar a utilização de metodologias tecnicistas e que visam apenas à prática pela prática, aulas estruturadas com muitos alunos sem participar, ou não participando efetivamente, o que provoca desinteresse por parte deles e, conseqüentemente, um processo ensino-aprendizagem defasado, em que apenas os alunos que possuam determinadas facilidades e características conseguirão se beneficiar do ensino.

Visando a uma mudança desse estilo de aula, a Pedagogia do Esporte surge como um viés que busca utilizar-se de um modelo diferente para ensinar o esporte, um modelo que procure fazer o aluno, de fato, se sentir pertencente e pensante com relação à prática, que se sinta envolvido e tenha prazer por realizá-la, seja através do jogo, de brincadeiras, adaptações, de suas intervenções, metodologias diferentes.

É de suma importância, para que funcione a pedagogia do esporte, que o aprendizado do aluno não esteja pautado somente nos objetivos técnicos do jogo, como fundamentos e o saber jogar. É necessário que o aluno, primeiro, sinta-se presente na prática e depois que, junto com o professor e os demais colegas de turma, saiba identificar os aspectos e espaços do jogo, seja capaz de resolver as situações as quais deve enfrentar, e que possa refletir sobre os acontecimentos dentro do jogo e das aulas.

Indo ao encontro dessa proposta, existe um modelo muitíssimo interessante que pode auxiliar os professores a praticarem a pedagogia do esporte, dentro de suas aulas e com suas turmas, o *Sport Education*, de Siedentop (1994), que pode oferecer excelentes mecanismos para que os professores consigam de fato ministrar aulas capazes de transformar a perspectiva de seus alunos

diante do esporte e das aulas de Educação Física, através de sua transformação em educadores capazes de identificar em cada aluno as suas particularidades, características, cultura e a maneira como ele se desenvolverá melhor. Isso faz com que o professor necessite também de questionar e produzir conhecimento acerca de si mesmo, já que deverá se questionar tanto durante a aula, sobre a melhor maneira de intervir, como depois, sobre quais serão os passos a serem dados para obtenção do resultado final.

Em sua dissertação, Capobianco (2023, p. 39) desenvolve a importância do modelo de ensino personalizado, especificamente do MEE, como um mecanismo muito forte de ação diante do tema que diz respeito à não participação das meninas dentro das aulas de Educação Física. De forma evidente, esse é um dos problemas cuja solução, acreditamos, possa ser obtida com a ajuda da Pedagogia de Esporte, embora pensemos o uso social desta para além, como um meio de fazer com que as crianças e os jovens possam receber lições, que devem ser divididas primeiramente em de cunho educativo, e depois subdivididas em educativas gerais, em que se entende a importância do respeito às regras, ao adversário, e se aprende a importância da organização.

Além dessas, há as de cunho educativo-específico que levam a entendimentos como os aspectos táticos e técnicos do jogo, regras específicas, conhecimento acerca da modalidade ou jogo.

Ademais, existem as de cunho Social e Cultural, que concernem aos requisitos de aprendizado social. Nesse aspecto do social, é possível a percepção da importância de se vivenciar a amizade e o bom relacionamento com pessoas de nossa convivência diária, seja no trabalho, na vida familiar, onde for. Em suma, é notória a necessidade de interação e colaboração com o outro para que um objetivo possa ser alcançado.

Outra importante função, no aspecto social, é a grande oportunidade de desenvolvimento da criatividade e uma maior possibilidade de quebra da timidez por parte de algum aluno que seja menos afeito à interação. Com o incentivo à disputa e à autonomia para solucionar os problemas que surgem dentro das atividades, os alunos têm um terreno mais fértil para a elaboração de ideias e soluções, a partir da leitura e dos significados que enxergam durante a competição, e possuem maior liberdade para propor o que pensaram.

Além disso, há a possibilidade de alunos que não possuem aptidão para a prática esportiva não só se relacionarem com ela, mas também poderem demonstrar sua aptidão em outras funções

que não necessitam de bom desempenho esportivo dentro da equipe, aumentando, assim, sua confiança e entendimento de que diversos papéis contribuem para a realização de um objetivo.

Já se entrelaçando ao aspecto ou subdivisão cultural, a prática do MEE promove esse sentimento de pertencimento a uma equipe, união, despojamento, a ponto de se abrir mão de um desejo ou projeto, pelo outro. Isso mostra um pouco do que é cultura, mesmo que de forma indireta. Os alunos percebem a união entre pessoas, pessoas essas que se reúnem, por exemplo, para tratar de um determinado tema, durante determinados dias da semana. Isso são costumes, e cada grupo vai possuir diferentes estilos, de acordo com as pessoas que participam dele. Além disso, se formam um outro grupo, quando pensam que compartilham também alguns costumes, isso implica diretamente o conceito de cultura, portanto agrega de forma importante nesse sentido. Entendo essa como sendo a base importante pela qual se pode desenvolver uma série de aspectos das crianças e solucionar problemas do cotidiano das aulas de Educação Física.

O MEE mostra ser bastante completo e, o mais importante, ele é divertido. Esse é um aspecto fundamental, na nossa concepção, pois as aulas de Educação Física não podem perder essa sensação que só elas proporcionam: a alegria durante a prática corporal, o prazer de estar realizando a atividade.

Quando pensamos, por exemplo, na validação do modelo, é fato que aplicá-lo pela primeira vez em uma turma habituada a prática tradicional, limitada ao futebol ou futsal, pode ser desafiador e, às vezes, uma tarefa praticamente impossível. Mas, se pensarmos no MEE sendo aplicado com o próprio futsal, ou então com algum esporte que remeta ao futebol, a proposta pode seduzir de forma mais natural e levar à aceitação dos alunos à proposta que está sendo colocada.

Além disso, aplicar dessa maneira não exigiria do professor que buscasse recursos, como espaços e materiais que fogem dos padrões para práticas de atividades específicas do esporte. Isso se daria somente quando pensássemos na estrutura para a montagem dos eventos culminantes ou torneios que ocorrem dentro da temporada. Também assim haveria facilidade para aplicar o modelo dentro das escolas. Desta forma, poderemos acompanhar de que forma podem se suceder alguns dos desafios com os quais pode se deparar o professor durante a tentativa de execução do MEE.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, conhecida como “BNCC”, que é o documento responsável por ditar os conteúdos e competências a serem trabalhados pelo professor durante as aulas de Educação Física, é direito do aluno usufruir e vivenciar as práticas esportivas

de combate, invasão, marca, precisão, parede, e todas as outras que são citadas como conteúdo esportivo a ser ministrado durante a Educação Física.

Este estudo visa fomentar a discussão e as pesquisas acerca da prática pedagógica na Educação Física, colocando os modelos TGFU e o *Sport Education* como métodos de extrema importância e palpáveis para serem aplicados nos mais diversos espaços, já que eles se utilizam de jogos reduzidos e atividades adaptadas, e propiciam ao professor realizar as atividades mesmo quando este não possui os materiais e os espaços adequados.

Cabe destacar a relevância também do TGFU, modelo proposto por Bunker e Thorpe, (1982), que propõe o uso de um modelo em que também se coloca o aluno como centro da prática, com os alunos tendo papel de destaque ao debater durante determinados momentos da aula, e propor soluções para ajuste e melhora da atividade que está sendo desenvolvida. É possível realizar a mesma através do uso do esporte de forma institucional, porém de forma completa, e a partir do mesmo o professor em conjunto com a turma identificar possíveis pontos a serem adaptados para melhorar a prática, definindo limitações, permissões, vantagens, novas regras, uso de jogos reduzidos, e as demais soluções que podem ser encontradas e pensadas de forma crítica pelos alunos, visando uma maior participação e colaboração dos mesmos dentro das aulas, permitindo que o aluno se integre de forma voluntariosa dentro da atividade através do estímulo à participação pelo contato direto com o jogo com redução do tempo ocioso em que o aluno não participa da atividade, principalmente aqueles que possuem menos habilidade ou aptidão para a prática. Esse modelo, assim como o *Sport Education*, vai de encontro com as propostas da Pedagogia do Esporte, podendo, portanto, ser usadas de maneira a se complementar, com o TGFU sendo uma base sólida para a proposição de atividades a serem realizadas durante o período de treinamentos do *Sport Education*.

Considerando o Esporte como uma grande ferramenta difusora de uma série de conhecimentos que envolvem aspectos físicos, culturais, sociais, emocionais e ainda outros, há de ser considerada e estudada a maneira como este é ensinado e vivenciado no local onde grande parte da população terá contato com ele, a escola.

Há de se reconhecer que muitas pessoas têm contato com o esporte antes mesmo de chegarem à fase escolar, como em brincadeiras de rua, nas quais alguns dos gestos e táticas de

diversos esportes estão inerentemente presentes, mas é na escola que todos acessam de maneira minimamente igualitária a prática esportiva.

Diante desse cenário, é necessário que as práticas que envolvem a atividade esportiva estejam voltadas para o aluno, visando a uma formação crítica, reflexiva, e que torne o aluno capaz de se apropriar dos saberes, de ser autônomo e criativo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Este estudo tem como objetivo analisar e compreender o ensino das práticas esportivas nas aulas de Educação Física, no contexto escolar, com base nas metodologias da Pedagogia do Esporte, especialmente o *Sport Education*, avaliando como esse modelo pode influenciar positivamente o processo de ensino-aprendizagem e contribuir para a formação crítica e reflexiva dos estudantes.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as possíveis contribuições do modelo *Sport Education* para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física;
- Identificar possibilidades e desafios da aplicação desse modelo no contexto escolar.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, adotando o formato de revisão bibliográfica, associada a um relato de experiência. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito e possibilitando a construção de hipóteses ou aprofundamento do conhecimento.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de textos de autores reconhecidos na área da Pedagogia do Esporte, com ênfase nas produções de Siedentop (1994; 1998), Bunker e Thorpe (1982) e Capobianco (2023), entre outros. A seleção dos materiais foi orientada pelo Professor Dr. Ubirajara de Oliveira, visando contemplar obras e artigos que possibilitassem o aprofundamento teórico acerca de metodologias inovadoras de ensino esportivo, especialmente no contexto escolar.

Foram utilizadas fontes disponibilizadas em bases acadêmicas como SciELO, Google Acadêmico e repositórios institucionais, bem como livros e capítulos de obras de referência. Os critérios de inclusão consideraram a pertinência temática, a relevância científica e a relação direta com o modelo *Sport Education*.

Além da revisão bibliográfica, o estudo inclui um relato de experiência, no qual são descritas vivências práticas relacionadas à aplicação dos modelos pedagógicos analisados, com o objetivo de refletir sobre suas potencialidades e limitações no ambiente escolar.

4 PEDAGOGIA DO ESPORTE

4.1 ENTENDENDO O SPORT EDUCATION

O *Sport Education* é um modelo que se vincula à pedagogia do esporte, foi proposto por Siedentop (1994; 1998). Esse modelo começou a ser desenvolvido desde o doutorado de Siedentop, defendido em 1968, quando ainda se chamava “Play education”, e foi aprofundado durante os anos 1970 e 1980 com três livros de autoria de Daryl. Com isso, o modelo foi sendo lapidado ao longo dos anos, passando por debates, congressos e experimentações, sendo difundido em diferentes países, funcionando como currículo alternativo em algumas localidades, até se consolidar no que hoje é conhecido como *Sport Education*. O modelo busca desenvolver, durante o período letivo, uma competição escolar não tradicional, diferenciando-se da maneira exclusiva como o esporte e a competição são abordados no ambiente escolar.

Em um texto retrospectivo, onde Siedentop revisa e pontua as principais questões que cercam o modelo *Sport Education* (2001), o autor relata todo o processo pelo qual passou para validar o modelo como efetivo, destacando o estranhamento inicial à sua proposição. O método de ensino passou a ser utilizado em locais como a Nova Zelândia, e os bons resultados obtidos convenceram Siedentop de que o modelo era de fato funcional. Isso se deve ao fato de que as ideias contidas no *Sport Education* seriam capazes de lidar com problemas presentes nas competições e práticas escolares, como, por exemplo, a desigualdade de gênero, visto que é muito raro observar meninas e rapazes competindo juntos.

Outro exemplo de dificuldade que pode ser solucionada é a baixa adesão por parte dos alunos menos habilidosos, que frequentemente ficam de fora ou participam minimamente das competições tradicionais e, ainda, fatores como a empolgação, a vontade do aluno de participar das aulas e de dividir com seus colegas o prazer e a responsabilidade que é fazer parte de uma equipe, além da capacidade do aluno de desenvolver crítica e autocrítica, e a apropriação cultural e social do esporte. Essas razões levaram Siedentop a defender que esse modelo deveria fazer parte dos currículos escolares, mesmo que não como uma obrigação, mas como uma alternativa para os professores.

“Entendemos que modelo pedagógico não é uma camisa de força ou uma receita de bolo, mas uma forma de pensar os resultados do processo educativo e seus elementos críticos que balizam a atuação intencional do professor” (Capobianco, 2023, p. 30). Em sua dissertação, Bianca traz uma reflexão importante sobre as dificuldades que podem levar a uma vivência ruim da experiência por parte dos alunos, aumentando a distância entre o que o modelo propõe e o que efetivamente ocorre na prática. Isso se dá por fatores sociais, socioeconômicos, culturais e outros que dificultam a boa execução do modelo, exigindo do professor a capacidade de implementar, retirar ou modificar elementos na prática, tornando a experiência mais proveitosa para os participantes. Essa visão reforça o pensamento da autora de que o MEE não deve funcionar como uma receita de bolo, mas que o professor deve encontrar mecanismos para “fazer o bolo”, mesmo que os ingredientes e os modos de preparo sejam diferentes.

Capobianco (2023, p. 63) relata uma situação vivenciada durante a aplicação do modelo MEE em que os alunos mostraram desmotivação para cumprir as atividades designadas para o dia, que eram os “cards” — uma das sugestões do modelo, que recria um jogo marcante de uma modalidade esportiva, com os alunos podendo alterar o resultado final da partida. Um exemplo seria a final da NBA de 2025, na qual o principal jogador de uma equipe rompeu o ligamento cruzado anterior durante o jogo decisivo, cenário este que seria recriado pelos alunos na tentativa de modificar o resultado da partida. Bianca conta que, diante do desinteresse e da não participação dos alunos, antecipou a aplicação de uma atividade proposta para etapas posteriores, a proposição de desafios, conseguindo assim motivar e instigar a participação dos alunos na aula. Experiências como estas, demonstram como é necessário que o professor desenvolva habilidades que digam respeito à sua capacidade de contornar situações desafiadoras e ainda assim manter os aspectos importantes que baseiam o modelo.

De acordo com Siedentop *et al.* (2011), o modelo de educação esportiva agrega profundamente à experiência do aluno, em três eixos: o chamado de competência motora, em que o aluno deve ser capaz de identificar as situações de jogo e se portar de forma participativa durante as atividades, compreendendo aspectos táticos e técnicos; o segundo eixo refere-se à capacidade do aluno de entender e compreender aspectos culturais, sociais, valores e tudo que envolve o jogo direta e indiretamente, sendo essa a chamada literacia esportiva, e o terceiro eixo, o entusiasmo pela prática, que diz que o aluno deve passar a gostar e sentir prazer pela prática, perceber esta

como algo que pode agregar em sua vida, seja por mera diversão, ou por vontade de praticar de forma competitiva.

O autor também destaca que um outro tipo de alegria aflora quando o aluno se sente protegido pela obrigação, pelas regras, “que passa a ser garantia, alívio e alegria de sentir-se protegido” (Snyders, 1996, p. 104). Ao mesmo tempo que limita as atividades, a obrigação restringe as ações próprias e as dos outros, estabelecendo direitos para todos os alunos e promovendo a segurança de que não se poderá fazer tudo o que se deseja. Nesse momento, os alunos podem realizar “enormes progressos”, usufruir dos “seus direitos” e “lutar contra as suas violações” (Snyders, 1996, p. 105). O sentimento de estar protegido das arbitrariedades dos outros e de si mesmo pode ajudar a “superar certas agitações da alma, hesitações inconsistentes, frouxidão nas atitudes e nos desejos” (Snyders, 1996, p. 105). As obrigações e regras da escola podem promover atitudes de enfrentar resistências, vencer obstáculos e progredir nas tarefas.

4.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO SPORT EDUCATION

Por se tratar de um método que contrapõe o método tradicional, ainda muito presente, muitos desafios podem ser enfrentados pelo professor para aplicar um modelo como o MEE. Em um cenário onde os alunos não estão habituados à metodologia do *Sport Education* e o professor não possui muita experiência com sua aplicação, a tarefa torna-se árdua, sobretudo no que diz respeito à organização do modelo, que exige muita dedicação do docente.

Outros aspectos importantes envolvem a aceitação e participação dos alunos nas atividades propostas. Para que o método funcione de forma fluida, é necessário que os alunos “comprem a ideia”, o que pode ser um fator dificultador. Também podem surgir problemas como pouca disponibilidade de materiais e espaços, pouca colaboração da escola e professores, ou mesmo aversão a algo que fuja do padrão tradicional da escola.

Foi realizado um estudo com 16 alunos estagiários da Universidade do Porto para mensurar as dificuldades e pontos positivos da aplicação do MEE, também conhecido como *Sport Education*, como vimos. Alunos estes que deveriam por critério de seleção ter participado durante o período especificado das aulas de didática específica do atletismo, ofertada na FADEUP, e que seria realizada com base no modelo do *Sport Education* dentro do atletismo, e ainda estando no papel de aplicadores do modelo a partir da função de estagiário. Utilizarei deste estudo portanto para debater

possibilidades e desafios que podem surgir durante a prática. Estes participantes, responderam após a experiência sobre questões que cerceiam o modelo de educação esportiva, questões como a expectativa da vivência do modelo como aluno, expectativa de experimentação também como estagiário, quais experiências foram mais ou menos enriquecedoras, quais as possibilidades para o MEE no futuro. Estas perguntas, nortearam as entrevistas concedidas pelos alunos entrevistados, que de forma geral, em suas opiniões, demonstraram satisfação com os resultados obtidos pela experiência do modelo. Nele, se reforçou que o método objetiva romper com o ensino tradicional e metódico da Educação Física escolar, por meio de uma competição escolar não tradicional, que consiste em uma época de preparação — na qual o professor apresenta o modelo, agrupa os alunos em equipes e atribui funções (atleta, técnico, capitão, juiz, estatístico, responsável pela mídia), além de organizar as tabelas de competição e dos dias de treinamento. Na época de treinamentos, as equipes, por meio de seus líderes, devem realizar atividades que fomentem o entrosamento, aprimorem habilidades técnicas e desenvolvam táticas, além de jogos e desafios entre as equipes para estimular a competição e o impulso das mídias das equipes. Por fim, ocorre o evento culminante, a competição em si, seguida da entrega de premiações esportivas, de *fair-play*, dedicação, entre outras.

Em seus depoimentos, a maior parte dos alunos entrevistados disseram ter entendido que a cooperação e o protagonismo dos alunos dentro da proposta são fatores que impactaram muito positivamente no decorrer da temporada. Um recurso muito interessante utilizado foi o site, onde em um blog, os alunos se comunicavam e debatiam acerca das possíveis melhoras que poderiam ser realizadas, esse foi mais um aspecto destacado dentro das entrevistas, assim como foi destacado a efetividade na aprendizagem dos alunos, que conseguiram atingir os objetivos de aprendizado. De acordo com os participantes, que consideraram os resultados obtidos vantajosos quando comparados aos obtido com métodos tradicionais de ensino, e notaram que a existência de elementos que compõem o *Sport Education*, como as diversas funções que são designadas para os membros do grupo, a possibilidade de pensar juntos ideias entre os membros da equipe, faz com que a participação do aluno aconteça de maneira muito mais impactante, de maneira divertida e com o aluno passando pelo processo de aprendizagem e conseguindo obter os resultados esperados.

O modelo tem como objetivo promover maior autonomia dos alunos, que são desafiados constantemente a usar a criatividade para desenvolver as atividades, identificar problemas e definir os treinamentos pertinentes a fim de aprimorar o jogo, despertando também a capacidade de análise

e crítica da modalidade trabalhada. Além disso, fomenta o trabalho em equipe e a cooperação, visto que o êxito depende do esforço conjunto. Ademais, incentiva a participação de todos, inclusive daqueles que se sentem alheios às práticas tradicionais por terem menos valências físicas ou cognitivas, permitindo que exerçam funções como responsáveis pela mídia ou árbitros. Alunos com bom entendimento do jogo, mesmo com menor qualificação prática, podem atuar como técnicos, papel crucial para o sucesso da equipe.

Quanto à aplicação, é fundamental que o professor esteja completamente familiarizado com o modelo e saiba transmiti-lo aos estudantes. Essa competência deve ser desenvolvida na formação acadêmica do estudante de Educação Física, que precisa vivenciar o *Sport Education* tanto como aluno quanto como responsável pela sua aplicação. O estudo com os estagiários da Universidade do Porto, ainda que em contexto socioeconômico e cultural distinto, revelou concordância sobre a eficácia do modelo, mas também destacou divergências quanto à duração do programa: alguns consideraram o pouco tempo de vivência como fator que dificultou a adesão completa dos alunos, enquanto outros defenderam que menos aulas podem evitar a monotonia e permitir o ensino de outras modalidades.

Outro ponto observado foi a importância do conhecimento sobre a modalidade para garantir segurança e autonomia na aplicação. Professores se sentem mais confiantes quando já são familiarizados com a prática esportiva, como ilustrado pelo depoimento de um dos entrevistados:

Quando sou eu a liderar o processo, facilmente consigo fugir ao que quero... consigo fugir às perguntas deles, só vou falar do que tenho domínio... estou na minha zona de segurança, agora quando lhes dou autonomia, lhes abro um bocadinho a cabeça e dou liberdade para pensar, eles vão questionar mais vezes e podem fazer questões que eu não sei responder. (Mesquita *et al.*, 2014, p. 8).

Esse trecho exemplifica a dificuldade do professor diante das demandas novas que surgem, exigindo atenção constante e ampliação do conhecimento esportivo. Outro desafio relatado foi a dificuldade em transmitir aos alunos capitães o entusiasmo e a responsabilidade para liderar a equipe, o que leva, muitas vezes, o professor a intervir como regulador e orientador. Entretanto, considera-se natural essa adversidade, pois nem todos possuem características de liderança, e o papel do professor, mesmo em um modelo que propicia autonomia, é intervir e apoiar, identificando os obstáculos e buscando soluções junto aos alunos durante as fases de preparação e competição.

Essas adversidades demonstram que dentro das mesmas propostas, existem diversas

variações de resultados acerca do comportamento dos alunos, desde o estranhamento a nova realidade ao qual o mesmo é inserido, até a possibilidade de experimentação integral de todos os benefícios do modelo. Entendo as “não-realizações”, ou eventuais frustrações que podem vir a acontecer, podem também se tornar material para eventuais discussões e debates entre os alunos para que estes possam se questionar o que é possível adequar, como, refletir as causas e consequências destes acontecimentos. Esta possibilidade, de utilizar até mesmo o que não saiu de acordo com o planejado para enriquecer o aprendizado dos alunos, traz à tona como o MEE pode contribuir de maneira positiva até mesmo quando apresenta desafios e limitações.

4.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DO SPORT EDUCATION EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Nesta seção, será relatada a vivência da disciplina de CMEEC (Conhecimento e Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos), a partir da experiência pessoal do autor deste trabalho, vivenciada na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, no segundo semestre letivo de 2023.

A disciplina foi conduzida por duas alunas mestrandas, que deram início nos aproximando, os alunos, do modelo do MEE, através primeiro de uma entrevista, na qual utilizamos perguntas norteadoras sobre a experiência vivida com o modelo por ex-alunos da disciplina ou que o tenham vivenciado em outras universidades e espaços.

A partir de então, nos aprofundamos no *Sport Education* por meio do texto "Aplicação do modelo de educação desportiva no ensino do atletismo", de Irene Ferreira (2011), com base em perguntas direcionadas, como: “Quais os objetivos principais do MEE?”, “Como se organiza a proposta do MEE para uma unidade didática?” e “Quais são os papéis sugeridos para os alunos desempenharem?”.

Seguindo com o aprofundamento e reflexão de forma crítica, já atingindo um dos objetivos do MEE, a reflexão e a centralização da proposta no aluno como sendo figura principal e produtor de conhecimento através de seus próprios questionamentos e dúvidas, nós passamos a produzir, de

forma semanal, após as aulas, reflexórios, em que descrevíamos nossa experiência durante as aulas daquele período.

Na primeira aula, como ainda não havíamos adentrado as propostas esportivas e de organização, o reflexório foi feito com base em perguntas que aguçassem ainda mais os detalhes que nos chamaram atenção, os receios que sentimos, quais os possíveis benefícios e expectativas, dessa forma nos entrelaçando à experiência que iríamos viver.

Nesse momento, refleti que apenas uma aula semanal, ainda que com duração de quatro horas, acaba por interromper um pouco o ciclo de adaptação do aluno ao modelo. Torna-se muito mais fácil a adesão e integração do aluno quando as aulas acontecem de forma mais contínua.

Após esse período de identificação dos alunos com a proposta, as professoras solicitaram que trouxéssemos exemplos de variações do futebol para a aula, como, por exemplo, o futsal, o futevôlei, o x1. Essa proposta teve como fundamentação nos fazer refletir sobre as possibilidades de práticas distintas dos esportes realizados de forma literal.

Seguindo essa atividade, a turma elegeu o “furingo”, como é popularmente conhecido em alguns lugares do Brasil, um jogo em que há duas pequenas traves, em algum terreno que geralmente não é uma quadra, e de tamanho reduzido. O número de jogadores e o local da prática varia de lugar para lugar.

Logo após, as professoras apresentaram a proposta com os papéis que os membros dos grupos exerceriam, e também uma divisão dos grupos com base na observação delas acerca das habilidades dos alunos, em uma aula prática que tivemos sobre as diferentes variações do futebol, ambas as propostas aceitas pela turma.

A partir desse momento, os grupos ficaram encarregados, portanto, de criar sua identidade. Assim, escolhemos o nome da equipe, as cores e os símbolos, como seria a bandeira e o mascote, e adicionamos essa informação ao portfólio, que seria uma das ferramentas de avaliação ao final da disciplina, a qual deveríamos ir formulando e enriquecendo ao longo dos encontros.

Além das funções de atleta, as outras funções designadas para os membros das equipes foram as de fotógrafo, responsável pela mídia digital, árbitro, capitão, técnico e *staff*, tendo as equipes em média oito integrantes cada.

Não foi possível encontrar os arquivos da turma que descrevem o número preciso de aulas, mas até o momento descrito, até o final da disciplina, nós vivenciamos a experiência do MEE, tendo, além das aulas “comuns” utilizadas para treinos e maior entendimento do modelo, dois eventos, o sazonal, que se deu aproximadamente no meio do período da disciplina, e o culminante, que aconteceu como encerramento do semestre.

Os treinamentos foram, em um primeiro momento, orientados com base em exercícios sugeridos pelas professoras, já que os grupos poderiam ter certa dificuldade, no primeiro contato, de perceber como poderia funcionar o treinamento das equipes.

A partir disso, utilizamos o espaço das quadras externas. Visto que possuíamos duas quadras, nós as dividimos em cinco repartições, para que todas as equipes pudessem realizar seus treinamentos de forma simultânea, sem a necessidade de tempo ocioso. Fizemos jogos reduzidos, treinamentos para o posicionamento e sistema defensivo, assim como ofensivo também.

Consequentemente, os dias seguintes de treinamento foram realizados com atividades propostas pelos próprios grupos, nas quais observamos os pontos e aspectos a serem melhorados dentro de nossas equipes e trabalhamos para resolver os problemas detectados, com os alunos exercendo suas respectivas funções dentro da equipe. Exemplificando: o técnico da equipe é quem gerencia as atividades, o capitão ajuda a instruir os alunos que possuem maior grau de dificuldade, e, assim, cada função contribui para o todo funcionar. Dessa forma, foram realizados todos os treinamentos dentro da disciplina.

Quanto aos encontros em que tivemos o tempo de treino reduzido ou somente aula teórica, isso se deu pelo fato de que a turma, sendo de licenciatura em Educação Física, necessitava dar ênfase ao aspecto do aprendizado e entendimento, pois, além de participar como alunos, também participamos como futuros professores e possíveis utilizadores do modelo.

Discutimos textos como “Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula”, de Uchôa e Altmann (2013), para que pudssemos entender melhor uma das propostas mais reforçadas durante o período letivo, que era a de fomentar a maior participação das meninas durante as aulas. Assim, poderíamos pensar em conjunto sobre estratégias que facilitariam essa integração. Não foi possível encontrar o material de estudo, mas me recordo também de lermos textos sobre o ensino do futsal de forma pedagógica, para que pudssemos ter mais propriedade e conhecimento a fim de criar as atividades que faríamos

durante os treinamentos e solucionar os problemas encontrados.

O primeiro evento realizado foi o Evento Amistoso, quando a turma previamente decidiu, de forma conjunta, quais seriam as regras e formato do torneio amistoso. Decidimos realizar o evento sazonal no espaço da quadra onde costumeiramente fazíamos os treinamentos, e o formato seria um “todos contra todos”, em que os quatro primeiros avançariam ao mata-mata, e os dois melhores decidiriam a final.

Esse torneio ainda não contou com premiações, como medalhas, mas nos permitiu criar importantes regras de *fair play*, como a de que ambas as equipes em quadra deveriam ter uma menina entre os três integrantes, já que os jogos seriam no formato “3x3”, ou seja, uma das meninas da equipe sempre participando, além de regras como a de manter o respeito e boa conduta esportiva durante as partidas e competição.

Criamos também um contrato de *fair play*, que todos assinaram, se responsabilizando por cumprir as regras. Definimos também que, assim como aconteceu em algumas aulas de treinamento, um grupo cooperaria com o outro. Se, durante os treinamentos, houve momentos em que um grupo avaliava o outro para ajudar a diagnosticar eventuais pontos a serem melhorados, durante o evento sazonal, optamos por, além de ter duas equipes jogando, que uma das outras três que estivessem de fora participasse como equipe de arbitragem, coordenando mesa de árbitro, súmula, arbitragem e reposição de bolas durante a partida. Apesar de um ou outro caso de indisciplina, o evento foi de bom proveito, e terminou com a equipe do relator como vencedora, o “Frankassados FC”.

A partir de então, passamos a definir os moldes para o evento sazonal, em que faríamos a culminância do evento. Dividimos as responsabilidades entre os membros da turma; meu grupo ficou responsável pela alimentação, outro grupo pela organização do espaço no dia do evento, e assim por diante. A turma definiu em conjunto também o nome oficial da competição, sua logo e o local da prática do evento. O nome escolhido foi CMECUP, e o local decidido para a realização foi o estacionamento do CEFD, utilizando duas “travinhas” próprias para a prática da modalidade. Além disso, cada grupo ficou incumbido de elaborar um documento em que constasse o plano de mídia, a tabela, a súmula, os materiais e o regulamento de cada equipe para a competição. Tivemos também um tempo para confeccionar as bandeiras, pompons e demais materiais para a torcida, e concordamos em usar as mesmas regras de *fair play*.

Conforme o passar das aulas, houve alguns problemas, como a desistência de realizar a matéria por parte de alguns alunos, o que criou a necessidade de que, em um dado momento, uma das equipes deixasse de existir, com os membros restantes sendo realocados dentro de outras equipes. Esse é mais um dos desafios ou obstáculos que podem surgir dentro da tentativa de utilização de modelos como este, mas mostra também que é possível contorná-los para um bom proveito do mesmo.

O evento sazonal ocorreu no dia 21 de novembro, sendo realizado conforme havíamos planejado, no estacionamento, já que havia a possibilidade de ser realocado para a quadra caso as condições climáticas não favorecessem o plano principal. O evento foi bastante proveitoso e, principalmente, muito divertido, característica já citada aqui no texto como essencial para a importância e funcionalidade do MEE. Houve, durante toda a competição, muita colaboração das equipes umas com as outras para que tudo ocorresse dentro do planejado e que terminasse da forma como havíamos acordado. Sendo assim, mesmo quem não venceu nem a final, nem a disputa de terceiro lugar, ficou satisfeito com a competição como um todo.

Importante ressaltar que produzimos relatórios em grupo durante todas as aulas, além dos reflexórios individuais, que foram produzidos também em todas as aulas, e o relatório final, no qual falamos sobre a experiência do *Sport Education* de forma a abordar todas as nossas vivências, impressões, estranhezas e tudo mais que tivéssemos absorvido durante o período letivo. Além disso, foi entregue o portfólio final, com os dados da equipe, membros, os relatórios das aulas e ainda outras informações.

Esta vivência permitiu um contato prático e reflexivo com o modelo *Sport Education*, evidenciando suas potencialidades para o ensino do esporte, bem como os desafios que podem surgir na implementação do método. A experiência mostrou que a participação ativa dos alunos, a divisão clara de papéis e o envolvimento coletivo são essenciais para o sucesso da proposta. Apesar dos obstáculos, como desistências e adaptação ao modelo, a prática demonstrou ser rica e motivadora, reforçando a importância da flexibilidade e da atuação crítica do professor para ajustar a metodologia conforme o contexto. Assim, o relato contribui para ampliar a compreensão do *Sport Education* como uma alternativa viável e promissora para as aulas de Educação Física no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu compreender a importância da adoção de um modelo pedagógico como o *Sport Education* na Educação Física escolar, destacando seu potencial para promover um ensino mais significativo, crítico e centrado no aluno. A experiência relatada evidenciou como esses modelos enriquecem a prática docente e possibilitam uma maior participação e protagonismo dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento não apenas das competências motoras, mas também sociais, cognitivas e afetivas.

Através dos de autores que são especialistas e outros que podem ainda estar se especializando com esta metodologia, além do relato de experiência sobre a prática, foi possível sintetizar alguns conhecimentos acerca das possibilidades do *Sport Education*, incluindo seus possíveis benefícios e desafios a serem enfrentados, dessa forma podendo analisar de maneira crítica o quanto estes modelos ainda enfrentam dificuldade para implementação em um país cujo o incentivo para a formação inicial ainda deixa a desejar, principalmente quando pensamos em escolas sem o mínimo acesso aos materiais necessários, espaços adequados, professores com formação inadequada, sem uma remuneração adequada. Estes e ainda outros fatores contribuem para a limitação das possibilidades, e pudemos aqui refletir acerca de meios de possivelmente enfrentar as mesmas.

Que fique claro que esta pesquisa não propõe que o MEE seja a única alternativa viável para a melhora do cenário de precariedade das aulas de educação física, existem ainda outras práticas que podem desenvolver características essenciais à formação do sujeito, como a cooperação, o protagonismo, a reflexão crítica, o trabalho em equipe, o entusiasmo pela prática esportiva. A pedagogia do esporte tem papel fundamental quando pensamos em trabalhos que agregam esses tipos de valores, e ainda outros modelos podem contribuir de outras maneiras e de forma a se associar a Pedagogia do Esporte. O intuito é explorar as possibilidades que este modelo oferece e como o mesmo pode ser uma solução eficiente.

A adesão dos professores a essas metodologias é fundamental para superar os limites do ensino tradicional, proporcionando aulas mais dinâmicas, inclusivas e contextualizadas. Além disso, fica claro que a aplicação desses modelos demanda preparo, flexibilidade e empenho,

considerando as particularidades do ambiente escolar, os recursos disponíveis e as características dos alunos.

A vivência prática demonstrou que, mesmo diante dos desafios, é possível adaptar e aprimorar as estratégias para garantir o engajamento dos estudantes e alcançar os objetivos propostos pela Pedagogia do Esporte. Destaca-se, portanto, a relevância da formação continuada para os profissionais da área, que precisam estar abertos a novas abordagens e dispostos a refletir criticamente sobre sua prática.

Assim, este estudo reforça a necessidade de incentivar a utilização do modelo *Sport Education* como caminho para uma Educação Física mais transformadora, que contribua efetivamente para a formação integral dos alunos, promovendo saúde, cidadania e prazer com a prática esportiva.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília – DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.
- CAPOBIANGO, Bianca. **Repensando o ensino do esporte por meio do modelo de educação esportiva**: aprendizagem colaborativa, autonomia e participação das meninas. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_17365_DISSERTA%C7%C3O%20BIANCA%20CAPOBIANGO.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025.
- FERREIRA, Irene. **Aplicação do modelo de educação desportiva no ensino do atletismo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desporto para crianças e jovens). Faculdade do Porto, Universidade do Porto, Portugal, 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57168/2/TESE%20FINAL%20IRENE%20V3.pdf> Acesso em: 25 jul. 2025.
- MESQUITA, I. M. R.; PEREIRA, C. H. A. B.; ARAÚJO, R. M. F.; FARIAS, C. F. G.; SANTOS, D. F.; MARQUES, R. J. R. Modelo de educação esportiva: da aprendizagem à aplicação. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 1–14, 2014.
- SIEDENTOP, Daryl. Sport Education: A retrospective. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 17, n. 4, p. 409-418, 1998.
- SIEDENTOP, Daryl. **Sport Education**: Quality PE through positive sport experiences. Champaign: Human Kinetics, 1994.
- UCHÔA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163–170, 2016. DOI: 10.1016/j.rbce.2015.11.006.
- SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução de Cátia Aida Pereira da Silva. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 204 p.